

LIÇÃO Nº 1 - O VERBO QUE SE TORNOU EM CARNE

Subsídio sendo elaborado por
Inacio de Carvalho Neto,
atualizado constantemente até 05/04/2025.
E-mail do autor: inacioneto@inaciocarvalho.com.br

Texto Áureo:

Jo 1.14

E o Verbo se fez carne e habitou entre nós, e vimos a sua glória, como a glória do Unigênito do Pai, cheio de graça e de verdade.

Texto da Leitura Bíblica em classe:

Jo 1.1-14

1 No princípio, era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus.

- As palavras de abertura, No princípio, era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus (1), lembram ao leitor a passagem de Gênesis 1.1. Não há maneira mais apropriada de iniciar o relato do maior acontecimento da história. Foi aqui que a religião hebraica começou — “No princípio Deus...” (cf. 1 Jo 1.1). Assim como Deus é eterno, o Verbo também o é. Ele é “o Alfa e o Ômega, o Princípio e o Fim” (Ap 1.8). Os verbos ser e estar usados neste primeiro versículo, descrevem uma ação contínua, sem levar em consideração o princípio ou o fim. Como diz Westcott, “O tempo verbal imperfeito do original sugere nesta relação, até onde a linguagem humana pode ir, a noção de uma existência supratemporal absoluta”.

- O Verbo eterno é descrito como com Deus. A preposição com perde um pouco da força da palavra original, que indica “movimento voltado para” ou “face a face”. Assim, o Verbo está em um relacionamento mais íntimo com Deus. A última oração, e o Verbo era Deus, levanta a questão: Qual é a natureza essencial do Verbo? Tem havido muitas tentativas de identificar o Verbo com a razão universal dos estoicos, ou com o uso de Platão da “palavra”, ou até mesmo com o conceito hebraico, às vezes personalizado, de sabedoria. No entanto, todas mostram-se insuficientes em relação ao uso que João faz do termo. Quando João escreveu E o Verbo era Deus, queria que o leitor entendesse que a natureza essencial do Verbo é a Divindade, Deus falando ao homem. E uma descrição da “autorrevelação de Deus”.

- Além disso, no grego, o artigo definido não é usado com a palavra Deus (theos). A omissão do artigo definido enfatiza o tipo ou a qualidade. Assim, a natureza essencial do Verbo é descrita. O retrato que João faz do Verbo, como eterno e como Deus, deve servir para responder àqueles que insistem na ideia de que o Verbo foi apenas uma criatura primogênita divina!

2 Ele estava no princípio com Deus.

- O versículo 2 reitera enfaticamente a eternidade do Verbo. Quando traduzido literalmente, lê-se: “Este (o Verbo) estava no princípio face a face com Deus”. Quatro relações do Verbo são descritas em 1.3-5.

3 Todas as coisas foram feitas por Ele, e sem Ele nada do que foi feito se fez.

- Todas as coisas foram feitas por ele, e sem ele nada do que foi feito se fez (3; cf. SI 33.6,9; Cl 1.15-17; Hb 1.2). A última oração, que é enfática, foi acrescentada para se guardar contra as falsas doutrinas do século I “que atribuíam a origem de certas existências a criadores inferiores, ou consideravam a matéria como autoexistente”.

4 Nele, estava a vida e a vida era a luz dos homens.

- Nele, estava a vida e a vida era a luz dos homens (4). Aqui, o Verbo é visto como a Fonte da vida. A vida biológica vem dele, com certeza, mas há mais. Regularmente usada neste Evangelho, a palavra vida (zoe, 36 vezes; nunca bios, vida biológica) se refere à vida “do alto” (3.3), à “vida eterna” (3.15-16; 20:31), à vida abundante (10.10). Como Ele é a Fonte de toda a vida, também é Ele a Fonte de toda a luz. A primeira criação do Verbo divino foi a luz (Gn 1.3). Da mesma forma, o salmista fala da vida e da luz juntas: “porque em ti está o manancial da vida; na tua luz veremos a luz” (SI 36.9). O Verbo encarnado descreve a si mesmo como “a luz do mundo” (Jo 8.12). A luz e a vida estão na ofensiva. A morte está destinada à derrota (11.26); as trevas do túmulo são dispersadas pela luz penetrante e resplandecente.

- E a vida era a luz dos homens (4). O Verbo é a Revelação pessoal de Deus aos homens. E pessoal porque procede de Deus e é direcionada aos homens. O Verbo é “a luz verdadeira, que alumia a todo homem que vem ao mundo” (1.9).

5 E a luz resplandece nas trevas, e as trevas não a compreenderam.

- E a luz resplandece nas trevas, e as trevas não a compreenderam (5). O Verbo eterno, em figuras de luz e vida, veio aos homens que estão em trevas e morte. Por todo o quarto Evangelho, estão os retratos da consequente luta entre a Luz e as trevas, geralmente coroados de vitória pela Luz, mas às vezes não. Jesus deu vista (luz) a um homem cego de nascença (cap. 9). Ele trouxe Lázaro do túmulo, da morte e das trevas (cap. 11). Mas um que estava próximo a Ele, Judas Iscariotes, entrou na noite de trevas eternas (13.30). A palavra traduzida como compreenderam, significando “entender”, também significa “vencer”. Embora João pudesse ter em mente ambos os significados, o segundo, juntamente com o tempo aoristo do verbo, é a promessa da vitória definitiva e final para a luz, e para tudo aquilo que ela representa.

6 Houve um homem enviado de Deus, cujo nome era João.

7 Este veio para testemunho para que testificasse da luz, para que todos cressem por ele.

8 Não era ele a luz, mas veio para que testificasse da luz.

- Houve um homem enviado de Deus, cujo nome era João. Este veio para testemunho para que testificasse da luz, para que todos cressem por ele. Não era ele a luz, mas veio para que testificasse da luz (6-8). João Batista é apresentado no início da história. Em seu recital do Hino Logos, na citação da Luz, o autor quer que fique claramente entendido que João Batista não é a Luz. Então, como será visto mais tarde, o escritor João foi um discípulo de João Batista, antes de deixá-lo para seguir a Jesus. Consequentemente, estando próximo a João Batista, ele conhecia bem o

relacionamento mantido entre João Batista e Jesus. O autor é cuidadoso em sua escolha de um verbo para descrever a vinda de João. Houve um homem significa literalmente “veio a existir (ou apareceu na história) um homem”. A sua “vinda” não deve ser confundida com o “ser” do Verbo eterno (1.1).

- João Batista representava para a antiga ordem um profeta e sacerdote (Mt 11.9-10), mas para a nova ordem, um mensageiro. O testemunho do próprio João Batista (1.33) deixa claro que ele assim concebeu o seu papel. Os homens creriam através dele. Ele deveria ser a ocasião para que os homens tivessem fé. Mas o objeto da fé dos homens deveria sempre ser o Verbo eterno, Jesus Cristo.

9 Ali estava a luz verdadeira, que alumia a todo homem que vem ao mundo,

- Ali estava a luz verdadeira, que alumia a todo homem que vem ao mundo (9). Isaías, o profeta, clamou, “Levanta-te, resplandece, porque já vem a tua luz, e a glória do SENHOR vai nascendo sobre ti” (60.1). A profecia é cumprida; veio a verdadeira Luz. Cristo é a Luz. O significado de verdadeira precisa de esclarecimento. Dizer que Cristo é a Luz verdadeira sugere que todas as outras luzes são enganadoras ou falsas. Mas isto não é o que João está dizendo. Antes, Cristo é a Luz real, perfeita e genuína. As outras, por comparação (e.g., João Batista), são imperfeitas, são sombras, ou não têm essência. Entretanto, embora não sejam a luz verdadeira, não são falsas. O Evangelho de João tem sido frequentemente chamado de Evangelho Universal, e assim ele é. Aqui, o autor escreve que o Logos, o Cristo, é a Luz... que alumia a todo homem que vem ao mundo.

10 a Estava no mundo, e o mundo foi feito por ele e o mundo não o conheceu.

11 Veio para o que era seu, e os seus não o receberam.

- Estava no mundo, e o mundo foi feito por ele e o mundo não o conheceu. Veio para o que era seu, e os seus não o receberam (10-11). Em um estilo majestoso, porém usando uma linguagem mais simples, João retrata o fato, o propósito e o resultado da Encarnação. O fato: Ele estava no mundo, um mundo e um povo de sua própria criação. O propósito: Ele veio para o que era seu. Mas o resultado, a resposta do homem à ação de Deus em relação ao próprio homem, foi o fracasso em conhecê-lo, a recusa em recebê-lo. O propósito de Deus e a recusa do homem são colocados aqui em um vívido contraste. Uma tradução literal seria a seguinte: “Ele veio para as suas próprias coisas, e o seu próprio povo não o recebeu”.

- Não foi o mundo natural que recusou aceitá-lo. A recusa e a rebeldia vieram dos corações dos homens. João usa a palavra “conhecer” para abraçar mais do que um entendimento intelectual. “O fracasso em conhecer a Deus é um fracasso sobre um plano ético. E a rejeição voluntária de Deus, e o repúdio à sua justiça”. Sem dúvida, a rejeição completa — da melhor e mais elevada revelação de Deus — foi demonstrada pelos líderes de Israel, geralmente descritos por João como “os judeus”.

12 Mas a todos quantos o receberam deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus: aos que crêem no seu nome,

13 Os quais não nasceram do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do varão, mas de Deus.

- Mas a todos quantos o receberam deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus: aos que creem no seu nome, os quais não nasceram do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do varão, mas de Deus (12-13).

Embora muitos tenham rejeitado a Luz resplandecente, a revelação pessoal de Deus, muitos a receberam. A palavra traduzida como poder (ou, melhor, “direito”) “não descreve uma mera capacidade, mas uma autoridade legítima e por direito, derivada de uma fonte competente que inclui a ideia do poder” (cf. 5.27; 10.18; 17.2; 19.10-11). Na Encarnação, Deus fez a provisão adequada para que os homens tenham o direito — baseado na autoridade e no poder apropriados — de se tornarem “filhos” de Deus. Tal direito não é uma capacidade humana inerente, separada da graça de Deus. E dado por Deus. Somente os homens que o recebem, i.e., aqueles que têm fé, são filhos de Deus.

- A autorrevelação de Deus é universal; é para todos os homens (9), mas a resposta do homem, não. Nem todos os homens têm fé. Há apenas uma maneira de se tornar filho de Deus, que é ser gerado “de Deus”. Nem mesmo ser o ancestral humano mais ilustre e religioso é suficiente para se fazer parte da família de Deus. A mulher samaritana (4.12) recorreu a Jacó como uma certificação de sua posição religiosa, e os judeus frequentemente falavam com Jesus a respeito de seu pai Abraão (8.33,39,53,57), como uma justificativa suficiente de sua posição diante de Deus. O ensino de Jesus a Nicodemos, que era um mestre de Israel, centralizou-se neste fato (3.3,5). Somente Deus pode dar vida espiritual. Um sermão intitulado “A Verdadeira Luz”, descrevendo a missão do Verbo vivo poderia ser construído em torno destes pontos: 1. O Verbo é vida (4); 2. O Verbo vence tudo (5); 3. O Verbo é Deus entre os homens (1,14).

14 E o Verbo se fez carne e habitou entre nós, e vimos a sua glória, como a glória do Unigênito do Pai, cheio de graça e de verdade.

- E o Verbo se fez carne e habitou entre nós, e vimos a sua glória, como a glória do Unigênito do Pai, cheio de graça e de verdade (14). Westcott destaca as quatro partes essenciais desta grande declaração. 1. A Natureza da Encarnação O Verbo se fez carne. O termo aqui traduzido como se fez na verdade significa “tornou-se” (cf. 1.6); portanto, ele descreve com exatidão a entrada de Jesus na história. Falando ao mundo grego de seus dias, João disse nos melhores termos possíveis que “o Logos da filosofia é o Jesus da história”. Além disso, os gnósticos docéticos daquela época afirmavam que não houve uma encarnação real — pensavam que o corpo de Jesus fosse apenas uma “semelhança”. Para eles, Cristo era, no máximo, uma teofania — uma aparição de Deus em forma humana. Alegavam que o Verbo nunca se tornou carne, realmente. Em oposição, João fez uma declaração simples, direta e poderosa: O Verbo se fez carne (cf. 1 Jo 4.2; 2 Jo 7). Hoskyns diz: O Verbo se fez carne — uma linguagem perigosa quando separada de seu contexto no quarto Evangelho, pois o autor não quer dizer que o Espírito se transformou em carne e, portanto, tornou-se inútil, ou que o Espírito ou o Verbo de Deus tornou-se algo visível ao olhar histórico. Ele, porém, quer dizer que a carne de Jesus é o lugar onde os homens creram e descreveram, e ainda o fazem; onde a divisão entre aqueles que creem e aqueles que não creem torna-se uma divisão definitiva entre os filhos de Deus e os filhos do Diabo.

- Qualquer distinção relativa entre a fé e a descrença é impensável. A natureza da Encarnação, como aqui apresentada, esclarece vários pontos. De acordo com Westcott: a. A humanidade do Senhor era completa... (O Verbo se fez carne, e não um corpo ou coisa semelhante.); b. A humanidade do Senhor era real e permanente... (O Verbo se fez carne, e não se revestiu de carne); c. As naturezas humana e divina do Senhor permaneceram sem mudanças, cada uma delas cumprindo o seu papel de acordo com as suas próprias leis... (O Verbo se fez carne, ambos os termos são preservados lado a lado.); d. A humanidade do Senhor era universal e não individual, incluindo tudo o que pertence à essência do homem, sem levar em consideração sexo, raça ou

tempo (O Verbo se fez carne e não um homem.)-, e. As naturezas humana e divina do Senhor estavam unidas em uma única pessoa...; f. O Verbo não adquiriu personalidade através da Encarnação. A. T. Robertson argumenta que a declaração O Verbo se fez carne é uma alusão à concepção virginal. Ele faz a pergunta retórica: “Que significado inteligente pode-se dar à linguagem de João, aqui, separado da concepção virginal? Que mãe ou pai comum fala de um filho ‘tornando-se carne’?” 2. A Vida Histórica do Verbo Encarnado (1.146)

- Ele habitou entre nós. A temporalidade da Encarnação é mostrada na figura de uma tenda para habitação temporária. João escreveu literalmente: “O Verbo levantou um tabernáculo ou uma tenda entre nós”. A historicidade da Encarnação é certificada no lugar da habitação — entre nós (cf. SI 85.9-10). 3. Testemunho Pessoal da Vida Humana-Divina (1.14c) Vimos a sua glória. Talvez o melhor comentário sobre isto seja feito pelo próprio João em sua primeira epístola: “O que era desde o princípio, o que vimos com os

Referências bibliográficas:

- **Bíblia Apologética de Estudo**. 2ª. edição. Editora ICP, 2006.
- CABRAL, Elienai. **E o Verbo se Fez Carne – Jesus sob o olhar do Apóstolo do Amor**. Rio de Janeiro: CPAD, 2025.
- CABRAL, Elienai. **Lições Bíblicas: E o Verbo se Fez Carne – Jesus sob o olhar do Apóstolo do Amor**. Rio de Janeiro: CPAD, 2025.
- CARGAL, Timothy B. **Comentário bíblico pentecostal – Aviva ó, Senhor, a tua obra**. 4. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2009, v. 2.
- CHAMPLIN, Russell Norman, Ph.D. **O Novo Testamento interpretado versículo por versículo**. 2. ed. Editora Hagnos, v. 4, 2001.
- DAKE, Finis Jennings. **Bíblia de Estudo Dake**. Editoras CPAD e Atos, 2009.
- DEVER, Mark. **A mensagem do Antigo Testamento: uma exposição teológica e homilética**. Tradução Lena ARANHA. CPAD, 2012.
- DILLARD, Raymond B.; LONGMAN III, Tremper. **Introdução ao Antigo Testamento**. Editora Vida Nova, 2005.
- FRANCISCO, Caramuru Afonso. **As Promessas de Deus São Infalíveis**. Subsídio publicado no site <http://www.portalebd.org.br/>.
- HENRY, Matthew. **Comentário Bíblico – Novo Testamento**. Rio de Janeiro: CPAD, 2008.
- MOUNCE, William D. **Léxico analítico grego do Novo Testamento**. Editora Vida Nova, 2012.
- NEVES, Natalino das. **O Verbo que se tornou em carne**. Subsídio em vídeo publicado no site <http://www.natalinodasneves.blogspot.com.br>.
- **Novo Testamento trilingue: grego, português e inglês**. Editora Vida Nova.

- OLIVEIRA, Euclides. **O Verbo que se tornou em carne**. Subsídio em vídeo publicado no *site* <http://www.adlondrina.com.br>
- OLIVEIRA JÚNIOR, Abimael de. **O Verbo que se tornou em carne**. Subsídio publicado no *site* <http://abimaeljr.wordpress.com.br>
- PFEIFFER, Charles F.; VOS, Howard F.; REA, John. **Dicionário bíblico Wycliffe**. Trad. Degmar Ribas Júnior. 5. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2009.
- STAMPS, Donald C. **Bíblia de Estudo Pentecostal**. Rio de Janeiro: CPAD, 2005.